

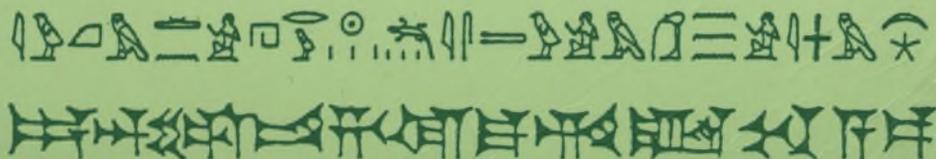
# CADMO

Revista do Instituto Oriental  
Universidade de Lisboa

2



E D I C I O E S  
C O S M O S



roglífica: elas aqui ficam dadas em seis capítulos bem construídos e que alguns breves reparos não beliscam.

Os breves reparos consistem, tão-somente, em chamar a atenção para a desproporção relativa do signo determinativo  (pedra), o qual  exemplo que é dado se apresenta como a unilítera sibilante  š (p. 34); a frase apresentada como paradigma na p. 35 é detalhadamente explicada em termos das funções desempenhadas pelos signos que nela entram, mas mereceria igualmente um esclarecimento a transposição gráfica que se verifica logo no início da frase em questão:    wd; na p. 42 vemos a apresentação de-sequilibrada de   pr c3, quando ficaria melhor  pr c3 para se harmonizar com a apresentação estética dos exemplos que se seguem (como de resto se pode ver em perfeito grafismo na p. 45); na p. 48 nota-se a falta, por duas vezes, dos sinais diacríticos sob o k, para a formação da oclusiva gutural  k em  hnk̄t (ceryeja), com o vocábulo apresentado como ideograma.

São pequenos detalhes que não chegam, obviamente, para merecer tão bem conseguida iniciação ao conhecimento do sistema hieroglífico: possa ela entusiasmar os interessados que deverão, contudo, precaver-se contra os perigos de um autodidactismo eventualmente obnubilante.

**Luís Manuel de Araújo**

*Revista de Estudios de Egiptologia (REE)*, 1, Programa de Estudios de Egiptología, Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas, Buenos Aires, 1990, 96 pp. ISSN 0327-3822

Com júbilo se saúda o aparecimento de uma nova publicação de temática egiptológica, vinda da Argentina. A nova *Revista de Estudios de Egiptologia (REE)* tem por directora Perla Fuscaldo e como secretária Violeta Pereyra de Fidanza, sendo o seu comité editorial constituído por Alicia Daneri de Rodrigo e Jorge Bedoya.

A edição está ligada ao Programa de Estudios de Egiptología (Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas) que tem igualmente por directora Perla Fuscaldo, sendo este primeiro número dedicado à memória do Professor Abraham Rosenvasser (1896-1983), o iniciador dos estudos egiptológicos na Argentina. De resto, as investigadoras que colaboram no referido Programa e na

própria revista são antigas discípulas do falecido orientalista argentino, ligadas ao Instituto de História Antiga Oriental da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires e ao Instituto de História Antiga Oriental e Clássica da Faculdade de Humanidades e Ciências da Educação da Universidade Nacional de la Plata.

No prólogo (p. 5) da nova revista estão anunciados os propósitos do Programa de Estudios de Egiptología:

- desenvolvimento dos estudos de Egiptologia sobre uma base linguística e arqueológica, tendentes à reconstrução dos diferentes aspectos da civilização egípcia, desde os começos do período histórico até à época helenística, e sua relação com outras civilizações do Próximo Oriente Antigo;
- a formação de recursos humanos e a projecção dos estudos de Egiptologia no âmbito universitário;
- a constituição de um centro de aperfeiçoamento para bolsiros e estudantes de outros países que não tenham desenvolvido os estudos egiptológicos;
- a promoção de relações com instituições especializadas estrangeiras, dentro do mesmo campo de investigação;
- a difusão dos conhecimentos entre a comunidade.

Continuando a leitura do prólogo verificamos que o projecto das investigadoras do Programa de Estudios de Egiptología pretende ir ainda mais longe: a *REE* será completada com a publicação de *Anexos*, que integram uma «Colección Estudios» e uma «Colección de Documentos». Quer estes *Anexos* quer a própria *REE* são, segundo os seus mentores, a continuação da anterior *Revista del Instituto de Historia Antigua Oriental (RIHAO)*, Buenos Aires.

Uma fotografia de Abraham Rosenvasser ocupa a p. 6, sendo a sua personalidade apresentada na página seguinte por Jacobo Kogan, membro da Academia Argentina de Letras e antigo professor da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. O homenageado é aí evocado nas suas facetas de historiador e educador, de professor e investigador, sublinhando-se igualmente o aspecto humano e cordato que permanecem na memória dos seus antigos alunos, colegas e amigos.

Seguem-se uma nota evocativa de um intelectual argentino (Abraham Rosenvasser visto por Manuel Mujica Láinez, p. 9), um poema da autoria do próprio Abraham Rosenvasser («En verdad», p. 11), cuja inclusão na revista é a expressão da homenagem de Elena Huber, sua antiga aluna, e a bibliografia do egiptólogo argentino

numa recolha feita por Perla Fuscaldo (pp. 13-15), desde 1929, data da publicação do seu artigo «La Enseñanza de Amenemope» in *Humanidades XX*, pp. 505-541, até 1982, com o registo do seu último trabalho publicado, uma recensão crítica a H. G. Fischer, *Ancient Egyptian Calligraphy*, Nova Iorque, 1979.

O núcleo dos estudos abre com a contribuição de Perla Fuscaldo, «Aksha, (Serra West): El templo de Ramsés II. I — La lista topográfica del atrio» (pp. 17-46, seguindo-se um bom lote de ilustrações que incluem fotos, reproduções dos relevos de Akcha e mapas). O estudo analisa os topónimos de origem núbica e asiática que constam de uma lista topográfica encontrada numa parede do templo construído por Ramsés II em Akcha, na Núbia, a qual se encontra hoje exposta no Museu Arqueológico de Khartum após um cuidadoso trabalho de reconstrução. O referido templo foi encontrado em fase de avançada destruição pela Expedição Arqueológica Franco-Argentina em 1961, tendo a missão publicado até agora quase todo o material achado, começando logo por dois dos seus ilustres membros: Jean Vercoutter, «Preliminary report of the excavations at Aksha by the Franco-Argentine Archaeological Expedition, 1961», in *Kush X*, 1962, p. 112 e grav. XXXII, e Abraham Rosenvasser, «Notes relating to Inscriptions found at Aksha», in *Kush X*, 1962, pp. 116-117.

Das poucas inscrições do pequeno templo ramséssida que ainda estavam por publicar, a lista topográfica da parede do fundo do átrio era uma delas. Rosenvasser tencionava publicá-la, mas os estudos foram interrompidos pela sua morte em 1983, cabendo a Perla Fuscaldo a concretização do projecto. De resto, já antes esta egiptóloga havia dado a conhecer textos inscritos em vários fragmentos de relevos originários de Akcha (dois lintéis e três umbrais) que actualmente se encontram no Museu de Ciências Naturais de la Plata, tendo sobre o tema apresentado uma comunicação na conferência do CIPEG (Comité Internacional para a Egiptologia) que decorreu em Leiden, na Holanda, em 1989, comunicação que posteriormente seria publicada em *Hathor. Estudios de Egiptologia*, 1, 1989 («Fragmentary reliefs and inscriptions from Aksha in the Museum of Natural Sciences of la Plata, Argentina», pp. 69-74).

O segundo estudo da revista liga-se directamente com o primeiro, sendo sua autora Alicia Daneri de Rodrigo. O seu título é «Aksha (Serra West): El templo de Ramsés II. II — La inscripción enigmática del átrio» (pp. 47-52), e nele se propõe uma interpretação para uma pequena inscrição algo enigmática encontrada na parede ocidental do átrio do templo de Akcha. Acontece que o fragmento lítico onde

tal inscrição estava gravada já não existe, dele restando apenas uma fotografia obtida pelo grande egiptólogo americano James Breasted, do Instituto Oriental da Universidade de Chicago, que em 1906 havia passado por Akcha. A inscrição em causa apresenta alguns signos hieroglíficos com formas insólitas e outros com valor críptico já conhecido (p. 48, com a reprodução hieroglífica do texto e respectiva transliteração na p. 49). Para a interpretação do mencionado texto foram úteis à autora do artigo os estudos sobre criptografia feitos por E. Drioton, o que possibilitou a conclusão de que se trata de um registo de uma expedição à região de Punt feita no reinado de Ramsés II (p. 51).

Em «La realeza egípcia, su origen y fundamentación temprana» (pp. 53-79) procura Maria Violeta Pereyra de Fidanza demonstrar-nos como a realeza egípcia emergiu culturalmente de formas pré-dinásticas, em condições socio-políticas e ideológicas específicas. Analisando as diversas teorias existentes acerca da origem do Egipto unificado (invasão, difusão cultural ou adaptação de modelos estrangeiros) a autora acaba por reconhecer nas chefaturas teocráticas da sociedade pré-dinástica (Nagada III), com as suas insígnias e titulações, as bases de onde viria a emergir o poder faraónico, como bem resume nas conclusões do artigo (pp. 77-78). O assunto é apoiado por mapas e gravuras (dois mapas e dezoito gravuras).

Segue-se «La cultura de Sebastián Serlio: el Egipto antiguo y la tradición hermética» (pp. 81-94), com o seu autor, José Emilio Burucúa, a estabelecer a relação entre a tradição hermética, cujas origens míticas remontam à época faraónica, e a figura de Sebastián Serlio, um dos grandes arquitectos da Renascença (nascido em Bolonha em 1475, Serlio viveu em Pesaro, Roma, Veneza e em França). Teria sido em Veneza que Serlio tomou contacto com «un ambiente muy comprometido con la astrología y la filosofía hermética» (p. 86), e foi nesta cidade que saiu a público a primeira edição latina dos seus cinco livros de arquitectura, demonstrando em certas passagens como o seu autor admirava o antigo Egipto.

Restará desejar que esta nova revista de Egiptologia continue a publicar-se com segura e certa periodicidade, melhorando os aspectos estético-gráficos para que eles mais equilibradamente condigam com o valor do conteúdo científico de uma edição que honra a memória de Abraham Rosenvasser o fundador da jovem Egiptologia argentina.

***Luís Manuel de Araújo***